

Sementinha do Mal: o vocabulário de um estado infanticida e racista sobre as crianças negras

Little Seed of Evil: the vocabulary of an infanticidal and racist state on black children

Priscila de Oliveira Xavier Scudder¹

ABSTRACT

This is the writing of a black woman. It is the result of a very deep anger and a feeling caused by the physical and emotional pain of racism. Racism perceived in the structure and genocidal politics of the state and Brazilian society, made effective through actions of police and court hearings but also equipped in language that informs who should die, and that offers resources for a blacks childhood to be synthesised as a “bad seed”. In the search for a possibility of not dying, memory and ancestry are evoked as the methodology of this article, which seeks a cure that helps to live a little longer. It is not the historical, political, philosophical understanding that allows resistance, because there is no argument that justifies racism and slavery, anti-black, anti-indigenous, anti-Aboriginal, anti-Arab sentiments. What moves and bequeath strength to the struggle is ancestry, the testimonies, the experiences this world. Western reason is not concerned with the rights to well-being of non-white populations. It is we, on par with our elders, our equals and our younger ones, who have established the objective of writing: to guarantee our lives with counter-racist practitioners.

RESUMO

Esta é a escrita de uma mulher negra. É fruto de uma raiva muito profunda e de uma sensação de desmoronamento físico e emocional decorrentes das dores provocadas pelo racismo. Racismo percebido na estrutura e nas políticas genocidas do Estado e da sociedade brasileira, efetivadas através de aparelhos de morte, como as polícias e os tribunais, mas também de equipamentos de linguagem, de palavras que nomeiam, apresentam e servem para determinar quem deve morrer, que oferece recursos para que a infância negra seja sintetizada como “sementinha do mal”. A procura de uma possibilidade de não morrer, a memória e a ancestralidade são evocadas e constituem a fonte, o conteúdo, a metodologia deste artigo, que busca uma cura que ajude a viver um pouco mais. Não são a compreensão histórica, política, filosófica, que permitem a resistência, pois não há nada, nenhum discurso que justifique o racismo e a escravidão antinegro, antíndígena, antiaborígene, antárabe, que movimentam e legam força para a luta, é a ancestralidade, são os testemunhos, as vivências, a experiência no mundo. A razão ocidental não se preocupa com o direito de bem-viver das populações não-brancas. Somos nós, de par com os nossos mais velhos, os nossos iguais e nossos mais novos, que firmamos o objetivo da escrita: garantir a nossa vida e traçar práticas contrarracistas.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 07/07/2020

Aprovado: 04/09/2020

Publicação: 18/05/2022

Keywords:

Ancestry, Memory, Racism, Colonial Load, To live and write.

Palavras-chave:

Ancestralidade, Memória, Racismo, Carrego Colonial, Escrivência.

¹ Doutora em Educação no Departamento de História e no Programa de Pós Graduação em Educação/PPGEDU, na Universidade Federal de Rondonópolis.

Hoje, a escrita da mulher negra não tem essa função de adormecer a Casa Grande. Pelo contrário, é uma escrita que incomoda, que perturba.

Tudo que eu escrevo é profundamente marcado pela condição de mulher negra.

E pedimos que as balas perdidas percam o nosso rumo e não façam do corpo nosso, os nossos filhos, o alvo.

[Conceição Evaristo]

Uma infância Negra: testemunhando

Sou uma mulher negra e viver nunca foi tarefa muito agradável. Minha adolescência foi marcada pelo sonho secreto e recorrente de viver fora do Brasil. De alguma maneira, não sei precisar qual, nutri a ilusão de que havia um lugar melhor para existir. Um lugar onde não seria preciso desconfiar de tudo a minha volta, nem viver em posição de alerta, um lugar com alguma paz. O tempo, a experiência e a observação do modo como o sistema-mundo capitalista se estruturaram e prossegue se estruturando, sobre o racismo e a escravidão negra, me impediram de continuar guardando tamanho engano.

Já disseram que meus textos são tristes. Talvez sejam, quem sabe revelem que apesar de meu esforço para esperar e inspirar os mais novos, continuo sentindo o mundo como um lugar hostil e violento, marcado pela colonialidade, que é

Esse fenômeno que prefiro chamar de *marafunda* ou *carrego colonial*, compreende-se como sendo a condição da América Latina submetida às raízes mais profundas do sistema mundo racista/capitalista/cristão/patriarcal/moderno europeu e às suas formas de perpetuação de violências e lógicas produzidas na dominação do ser, saber e poder. É necessário, para isso, destacar que os efeitos de desencantamento desencadeados pela colonialidade produzem bloqueios na comunicação entre os povos latino-americanos. (...) a colonialidade nada mais é que o *carrego colonial*. Ou seja, a má sorte e o assombro propagado e mantido pelo espectro da violência do colonialismo (RUFINO, 2019, p. 12-13).

As vezes calo minhas tristezas e desencantos para me ocupar de pensar em como contribuir para a manutenção e prolongamento da vida das crianças e da juventude negra, para pensar na necessidade de construção e permanência do ânimo para o enfrentamento ao racismo, em maneiras de manter firme a perseguição de uma utopia, de um horizonte

alcançável, de afirmar a urgência de criação de outros mundos possíveis para as populações negras, indígenas e para todas as formas de vida existirem em harmonia. Afinal, precisamos continuar elaborando táticas de resistências unificadas, organizadas, distante do medo, para enfrentarmos as políticas de morte que buscam nos esmagar, ao mesmo tempo em que precisamos construir a alegria, que não é coisa dada, não é coisa pronta.

Entendo que o propósito de alcançar essa utopia, a da alegria de viver, não será realizado sem compreendermos o modo como a cartografia do mundo está desenhada. Quando identificamos o funcionamento de equipamentos que favorecem a execução de um mundo cada vez mais marcado por interdições, um mundo de pouco acesso aos povos tradicionais e originários, um mundo onde vigora a necropolítica, aumentamos as possibilidades de destruí-lo. Por necropolítica e necropoder, são definidas como

as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2018, 71).

Dias desses fui a um terreiro de Umbanda, era início de ano, trabalho de abertura na linha dos pretos velhos e caboclos. Os pretos velhos e as pretas velhas eram os (as) avós celebrados (as), davam conselhos sobre a vida, receitas de chás para cuidados com a saúde, ensinamentos sobre a partilha dos alimentos. Fui parar em um lugar tão longe! Entendi a importância da reprodução dos legados da ancestralidade. Senti saudade dos meus mais velhos. Poderia tê-los ouvido mais e aprendido mais. Foi coisa da “ancestralidade reconhecida e vivida como ética e como fundamento da responsabilidade de continuidade junto com o grupo, a comunidade” (SILVA e RUFINO, 2021, p.5).

Os rituais são pedagógicos, ensinam e inspiraram. Combatem as políticas de morte. Sem a ancestralidade “não compreendemos o que somos e nem seremos o que queremos ser” (SILVA e RUFINO, 2021, p.5, apud CUNHA JÚNIOR, 1999 apud OLIVEIRA, 2007, p.264). No terreiro entendi minha relação com alguns objetos. Na semana seguinte desejei me reencontrar com minha vó Marieta. Comprei agulha e linha. Linha branca como as roupas de Oxalá. Quis dar uns passos atrás e olhar os caminhos percorridos até aqui. Ando cheia de vazios e saudades.

Com linha e agulha nas mãos descobri que me lembrava das palavras que minha vó dizia enquanto me ensinava a fazer trancinha. Naquela época eu tinha tanta dificuldade para compreender a importância do momento! Apesar do quanto minha vó se esforçava, de sua insistência em me ensinar, das repetidas vezes que fazia e desfazia os pontos de crochê para mostrar, sem se exasperar, o modo como a agulha buscava a linha, eu não conseguia desvendar os mistérios dos pontos, dos movimentos dos dedos, achava tudo tão matemático! Nunca tive gosto por números. Mas, no dia que eu quis reencontrar minha vó o crochê foi o cruzo.

A noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo. A encruza emerge como a potência que nos possibilita estripulias. (...). Dessa forma, se a colonialidade emerge como o *carrego colonial* que nos espreita, obsedia e desencanta, a descolonização ou decolonialidade emerge como as ações de desobsessão dessa má sorte (RUFINO, 2019, p.13).

Procurando pelo encontro com minha avó, por coisas que auxiliem no combate à tristeza decorrente da herança colonial, das artimanhas de negação da vida, dei em um canal do *youtube* com aulas de crochê para iniciantes, mas não foi necessário ouvir a professora. No momento que sentei para começar a crocheter, ao pousar da linha nas mãos e do primeiro volteio da agulha, lembrei palavra por palavra, gesto por gesto de minha vó e adivinhei o que ela fazia, descobri o sentido dos ensinamentos. Fechei o *youtube* e fiz uma toalhinha com minha vó Marieta.

O borbulhar de lembranças acompanhadas de ensinamentos despertados pela força da saudade, pela força do amor de minha avó, chegaram por meio de meu olhar insistente para uma fotografia sua, para os seus olhos pequenos e puxados, que eram afogados em um mar de lamentos pela falta de meu avô. Fiquei imaginando o quanto mais eu poderia carregar se tivesse me dedicado a aprender todas as coisas que ela podia me ensinar.

Figura 1 - Crochetando com vó Marieta



Fonte: Rondonópolis, fevereiro de 2022. Arquivo pessoal da autora.

Vó Marieta era uma mulher bondosa. Tão honroso tê-la na minha linhagem para mirar. Bondade é adjetivo importante e raro, mas que pode ser encontrado, sem muita dificuldade, nas famílias e bairros negros e nas religiões de matriz africana, pois nesses territórios o cuidado com o outro é um imperativo, uma exigência. Minha família é assim, exerce o cuidado.

Minha vó Marieta contava muitas histórias fantásticas! Guardava na memória aquelas fábulas que só as avós bem sabiam. Hoje sabemos menos. Histórias de animais e princesas que continham um ensinamento ao final, a tal moral da história. Gostaria de poder ouvi-la novamente.

À medida que envelheço, coisas que considerava como falha, como defeito, começam a ser percebidas por outros prismas. Por exemplo, ao contrário do que ouvi dizer e imaginei, sinto que a memória começa a funcionar de forma mais eficiente,

apagando tudo que é supérfluo, ignorando todo arquivo danificado e repleto de inutilidades e sofrimentos, para liberar espaço de armazenamento para as coisas importantes. É um processo de despoluição. Assim, podemos reviver as coisas boas, talvez seja o tempo da significação. Um tempo para atribuir grandeza ao que vale a pena, àquilo que aquece. É bom poder viver de novo com meus mortos, com minhas avós e meu pai. Com quem cuidou de mim e me trouxe até aqui, de par com minha ancestralidade, “que é a vida enquanto possibilidade, de modo que ser vivo é estar em condição de encanto, de pujança, de reivindicação da presença como algo credível”. (RUFINO, 2019, p. 15)

As histórias fantásticas, as concessões, defesas, proteção desmedida das e dos avós, o olhar de meu pai que identificava qualidades nos filhos que só ele enxergava, mais do que boas lembranças e nostalgias, são conteúdo para vida, vetores de força cuidadosamente arquivados na memória, encantos.

Tenho uma blusa de frio que ganhei de minha vó Nice quando eu tinha 20 anos. Hoje tenho 53, e a blusa já foi muito lavada, mesmo assim, sempre que a tiro da cômoda, sei que quando meu braço começar a entrar pela manga vou sentir o perfume da vó.

Outro dia, para estar com minha vó Nice, peguei uma toalha de mesa que pertenceu a ela e que herdei pelas mãos de minha tia Joana. A toalha estava bem amarelada, com ferrugem, suspeitei que não conseguiria limpá-la. Mas quando a vontade chegou forte, quando a saudade trouxe lágrimas, coloquei o caldeirão para ferver. Pus a toalha de minha vó de molho numa mistura que inventei, acrescentei água quente e coloquei para quicar por dias. Depois de seca e muito passada a ferro a estiquei na mesa. Para mim é a toalha mais bonita que tenho.

A saudade continua doendo, mas a certeza de que fui amada, a memória dos gestos e ações de minhas avós para comigo, meus irmãos e primos, continuam emergindo como força.

Figura 2 - Toalha da vó Nice



Fonte: Rondonópolis, fevereiro de 2022. Arquivo pessoal da autora.

Atualmente, quando penso em gente importante, lembro de meu pai. Lembro e escrevo com saudade, pensando que deveria ter feito mais, aprendido mais. Lembro com gratidão, querendo que volte! Nossa relação foi maravilhosa e perfeita até os 12 anos. Depois disso eu comecei a duvidar das coisas e do jeito que o mundo funcionava. Não sei bem como as dúvidas brotaram. Apesar de ter frequentado a igreja batista por muito tempo, de ter tido professores cristãos (nem por isso todos eram exemplares) da pré-escola ao ensino médio, um certo desconforto sempre me acompanhou desde muito pequena. Não foi coisa de faculdade, de esquerdismo, como alguns precipitados poderiam supor.

Meu pai era pastor, um pastor honesto. Em um tempo de venda total de ideais, parece quase obrigatório fazer esta afirmação. Jamais cedeu o púlpito por pressões políticas ou econômicas. Uma vez me confidenciou que se não fosse pastor seria um advogado comunista. Carregava um coração tão fraterno como o de sua mãe. Não possuía apego financeiro e, mesmo vivendo comedidamente, procurava atender às privações dos

mais carentes sem esperar que lhe pedissem ajuda, sabia que esse movimento submetia a pessoa a uma humilhação extra. A lembrança de meu pai dizendo que se não fosse pastor, seria um advogado comunista, durante uma conversa em que me contava que assistira as tropas militares brasileiras desfilarem pelo Rio de Janeiro logo após impedirem a entrada de Jango (Presidente João Goulart) no país após seu regresso da visita da China em 1961, me fortalece e legitima minha postura no mundo. Mesmo não tendo lido e debatido discursos e textos dos autores negros que leio hoje, meu pai tinha identidade de classe e de raça, uma identidade construída com as experiências de sua vida e com leituras diversas. Ao partilhar essas vivências meu pai me legou instrumentos para a defesa da minha vida. Sei que aquela conversa, e tantas outras, foram fundamentais para que eu mantivesse a mente aberta para a história, e continua importante para que eu siga aprendendo.

Figura 3 - Eu e meus pais



Fonte: Campo de Santana, Rio de Janeiro, 1970. Arquivo pessoal da autora.

Meu pai me amava muito. Meu pai me ensinou muitas coisas. Me deu coisas para ler. Meu pai amava demais seus filhos. Hoje sei que ele impunha uma disciplina rígida por compreender que era o melhor que podia fazer por cada um de nós. Não tenho problemas com isso. Já tive. Quando meu pai andava com cada um de seus cinco filhos, os colocava no canto da calçada para os proteger, e nos protegeu de muitas maneiras. Fez um grande trabalho como pai e como avô. Repito as palavras “meu pai” por gosto.

Figura 4 - Quando éramos seis



Fonte: Em frente de casa. Alto Araguaia, 1979. Arquivo pessoal da autora.

Meu pai teve alguns episódios de acidentes vasculares cerebrais (AVCs) nos últimos treze anos de sua vida. Teve problemas com a memória, mas não a ponto de não me reconhecer, de não reconhecer meus irmãos, nem de esquecer completamente quem era. Sempre soube que era pastor e ficava feliz na igreja. Em setembro de 2021 foi levado a um hospital, por minhas irmãs, devido uma infecção no pé, e teve várias intercorrências.

Mas a infecção no pé não foi o que o matou. Hospitalizado acabou contraindo COVID-19. Eu considero o governo Bolsonaro responsável pela morte de meu pai. No atestado de óbito dizem que ele morreu em decorrência de muita coisa! Sei que não existe exatidão nas coisas, menos ainda na medicina, não espero diagnósticos, previsões e estatísticas inequívocas de médicos. No entanto, apesar de debilitado, semanas antes de adoecer, meu pai estava comendo, bebendo, conversando, até nos falamos ao telefone, e ele me pediu para fazer o que pudesse para ser feliz. No hospital, meu pai recebeu tratamento para combater a a infecção do pé, mas uma infecção generalizada começou a se propagar, levando a um agravamento total de sua condição. A falta de condições de trabalho da equipe de saúde, a precariedade da estrutura hospitalar, a ausência de uma política séria de enfrentamento à pandemia por parte do governo brasileiro, particularmente do Ministério da Saúde, impediu, à despeito da dedicação dos servidores da saúde, que meu pai permanecesse entre nós. Eu e meus irmãos sabemos que meu pai estava mais seguro e mais bem atendido na unidade de saúde pública do que estaria na rede privada. Tenho convicção de que na rede privada não fariam o que foi feito para conter a infecção. Suspeito que não fariam hemodiálise, nem haveria profissionais de saúde monitorando sua condição e de outros pacientes idosos. A Comissão Parlamentar de Inquérito² demonstrou a toda sociedade brasileira o modo como muitos médicos e planos de saúde privados trataram pacientes como cobaias, e para muitas famílias a circulação da COVID-19, da variante Delta foi implacável.

No campo das possibilidades, talvez meu pai estivesse vivo se o vírus não tivesse encontrado seu corpo debilitado. Talvez ficasse com graves sequelas. Talvez tivesse falecido por outras causas, talvez não. Mas, para mim, não é aceitável que meu pai tenha

² “CPI da Pandemia – 27/04/2021, foi instalada em 07/08/2021 para apurar, no prazo de 90 dias, as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da Pandemia da Covid-19 no Brasil e, em especial, no agravamento da crise sanitária no Amazonas com a ausência de oxigênio para os pacientes internados; e as possíveis irregularidades em contratos, fraudes em licitações, superfaturamentos, desvio de recursos públicos, assinatura de contratos com empresas de fachada para prestação de serviços genéricos ou fictícios, entre outros ilícitos, se valendo para isso de recursos originados da União Federal, bem como outras ações ou omissões cometidas por administradores públicos federais, estaduais e municipais, no trato com a coisa pública, durante a vigência da calamidade originada pela Pandemia do Corona vírus "SARS-CoV-2", limitado apenas quanto à fiscalização dos recursos da União repassados aos demais entes federados para as ações de prevenção e combate à Pandemia da Covid-19, e excluindo as matérias de competência constitucional atribuídas aos Estados, Distrito Federal e Municípios”. Fonte: Brasil, Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>. Acessado em: 02/03/2022, às 09:33h.

sido sepultado fora do lugar e dos ritos que apreciava. Que seu corpo não tenha sido velado na igreja. Meu pai é um homem importante. Um homem negro, de uma fraternidade e despojamento imensos herdados de toda uma ancestralidade potente que o precedeu. Pai, avô, bisavô, tio, irmão. Uma pessoa que tinha um propósito admirável. Salve seu Jair da Costa Xavier. Eu sou sua testemunha. Sou a boca que conta sua importância e que contará sua história aos seus bisnetos, que cantarão a outros e outros.

Meu pai me legou um canto. Um canto que ele entoava desde que eu era muito pequena, já não sei quando ouvi pela primeira vez. Toda vez que nós falávamos, pessoalmente ou por telefone, ele começava e terminava a conversa lembrando que eu era sua filha primogênita. Lembrava de quando caminhava comigo pela Avenida Mirandela em Nilópolis, Baixada Fluminense e de quando eu pedia colo. Repetia que eu tinha apenas um ano de idade quando foi consagrado pastor. Aquela lembrança, as vezes me cansava, e eu dizia: – Eu sei pai! Mas ele não se intimidava, nem se cansava de reprisar. Ouvi recentemente, que quando se envelhece se repete aquilo que se gostou de viver e experimentar. Hoje esse canto de meu pai me faz falta. Me fortalece também, me faz segura de ter sido amada em plenitude. Meu pai era um homem que amava demais! Me contava histórias que ouvira sua mãe contar sobre seu pai. Tinha orgulho de carregar em sua carteira uma foto 3x4 de meu avô João. Sem usar a palavra ancestralidade, tanto meu pai como minha avó Marieta souberam reafirmar a importância dos antepassados e se inscreverem na nossa memória e história.

Senti recentemente, no Terreiro de Umbanda Pai Jobim, em uma sessão de atendimento com Pretos Velhos, a importância da repetição de cantos, palavras, jeitos de sentar, de andar, de falar. Não se trata apenas de tradição oral, é isso também, mas é reviver, ritualizar, aprender sobre como faziam o que era preciso. É sentir a luta para legar cuidado, história, força, é entoar presenças e combater o esquecimento, e

Combater o esquecimento é uma das principais armas contra o desencante do mundo. O não esquecimento é substancial para a invenção de novos seres, livres e combatentes de qualquer espreitamento do poder colonial. (...) o não esquecimento, a invocação, a incorporação, o alargamento do presente, o confiar da continuidade e do inacabamento passado de mão em mão compartilhado em uma canjira espiralada é o que entendemos enquanto ancestralidade, que emerge no contexto de nossas histórias como uma política anticolonial. (...) A invocação da ancestralidade como um princípio da presença, saber e comunicações é, logo, uma prática em encruzilhada. Afinal, a própria noção de encruzilhada é um saber praticado

ancestralmente que aqui é lançado como disponibilidade para novos horizontes que reivindicam a satisfação de um mundo plural, pujante e vigoroso, contrário e combativo ao desencanto do mundo (RUFINO, 2019, p. 16).

Foi com agulha, linha, uma toalha e um canto que construí, entendi e senti o que é um ritual de invocação. Não sou de tradição de terreiro, mas sou negra e aprendi que carrego meus mais velhos, meus iguais e meus mais novos em mim. Ao considerar as implicações de tal aprendizado, me descobri portadora de saberes construídos e legados desde a travessia do Atlântico.

Meus mais velhos mais distantes me legaram força e deixaram provas desta herança admirável em cada elo de corrente rompido, em cada Quilombo erguido, em cada ritual realizado nos terreiros, patrimônio material e imaterial de toda descendência. As práticas de cura, as magias presentes nas danças, nos cantos, a simbiose entre os Orixás e a natureza, são possibilidades de vida.

Neste caminhar lento que tenho feito, descobri que preciso dar testemunhos de suas vidas, percursos, histórias e importâncias. Sou a neta mais velha de Dona Nice Costa de Oliveira, e isso me preencheu de forças. Antes de morrer minha avó me disse: “Filha! Na minha razão eu sempre fui teimosa e nunca baixei a cabeça! Você é minha neta, nunca baixe a cabeça”! Não vou baixar minha vó! Fui a primeira neta que ela recebeu nos braços e sou aquela que mais se lembra dela com passos firmes. É minha tarefa rememorar meus passos com minha avó, não é difícil, a sinto em mim.

Figura 5 - Vó Nice



Fonte: Casa do Zá. Santo Antônio de Leverger, fevereiro de 2011. Arquivo pessoal da autora

Sou a primeira filha de meu pai. Eu vi suas fases de pai. Vi o pai que ele foi com os meus irmãos e irmãs. Vi que foi se transformando. O vi sendo avô para os meus filhos e com meus sobrinhos mais velhos, com os mais novos ele já estava diferente, já não se lembrava bem. A visão das fases de meu pai também é uma relíquia. Algo que testemunhei. Descanse em paz meu pai, o senhor fez um bom trabalho, o melhor que pôde.

Minha vó Nice, já com 94 anos e muito lúcida, disse: “é muito bom ser tataravó, só que as crianças pegam a gente fraquinha”! Agora eu também sou avó, e permaneço filha, neta, bisneta. A morte de minhas avós e de meu pai não me rouba esta condição. Eu dei o primeiro banho em Valentina, minha neta mais velha. Um dia ela saberá a importância e os efeitos desse momento em nossas histórias, quem sabe por meio deste escrito. Todo encantamento que ela emana não pode ser visto como algo comum, mas como uma magia capaz de mobilizar seu Quilombo. Também sinto minha neta em mim. Ela me cura.

Envelheço e percebo. Sinto, lembro e guardo os avós, pais, irmãos, filhos, netas e sobrinhos que tive e venho tendo. Lembro de meus filhos bebês, crianças, adolescentes, jovens, lembro de cada um deles se desenvolvendo e sendo substituídos por outros e outros. Alguns ficam longe no tempo cronológico, mas muito próximos no tempo da

memória, por vezes surgem de repente trazendo uma dose e imensa de vontade de mergulhar em algum lugar para dar-lhes materialidade, corpo. Com a experiência das multidões em que nos transformamos, vou aprendendo a respeitar o tempo das coisas, da vida, do mundo.

Figura 6 - Sobre os mais novos - Valentina



Fonte: Casa de vó. Rondonópolis, 2022. Arquivo pessoal da autora.

Vou envelhecendo e olhando para a minha família de maneira diferente. Suas importâncias aumentam. São companheiros na viagem sobre o planeta. São forças. Tenho visto meus filhos e os filhos de meus filhos. Vejo com mais clareza que não é possível manter a vida em total isolamento e/ou solidão. A vida para mim, mulher negra, não é suportável sem a “irmandade”. Que alguns alcancem a felicidade em total introspecção não duvido. Tal possibilidade me é impraticável.

Eu sou uma mulher negra, e preciso de um Quilombo. Quilombo não é um território geográfico isolado no passado, é uma metáfora de liberdade, é um lugar atemporal, multiespacial. Minha família é um Quilombo. Um lugar de abrigo, de preocupação e cuidado coletivo, de afeto e coisa que afeta, mas também uma herança atravessada nas águas do Atlântico que se instituiu como tática descolonizadora. Compreendo que

(...) a descolonização deve emergir não somente como um mero conceito, mas também como uma prática permanente de transformação social na vida comum, é logo, uma ação rebelde, inconformada, em suma, um ato revolucionário. Por mais que venha a ser o processo de libertação, é também um ato de ternura, amor e responsabilidade com a vida (RUFINO, 2019, p. 11).

Figura 7 - Ausência presente no Quilombo



Fonte: Na casa da Tata: minha mãe e seus filhos (as), Brasília 2021. Arquivo pessoal da autora.

Sou desconfiada. Já vi muita violência e dor. Sei qual é a cor dos que sofrem a violência estatal. Sinto que adoeci. Brigo para viver, falar e escrever à minha maneira. Na história isso tem sido privilégio reservado para homens brancos. A cultura da gente negra e suas palavras têm sido desmerecidas e entendidas como folclóricas. É espantoso que brancos continuem tentando falar sobre nós com alguma autoridade, uma vez mais objetivando poder, proveito e lucro, sem aceitar sua limitação para compreender a importância de intelectuais negros e de formulações, por exemplo, nos termos como Joel Rufino apresenta:

E aí eu pergunto: quem vai dizer que Fanon não é encarnado por um velho cumba? Os cumbas são os conhecedores dos segredos e potências das

palavras, que nesse caso é também corpo, hálito e saliva envoltos ao ritmo, elementos propiciadores de invenção e mobilizadores de energia vital. São eles os mestres que sabem as *mumunhas* das invenções através do verso (RUFINO, 2019, p. 13-14).

Desde criança, por volta dos dez anos de idade, eu já cismava que a liberdade em um território colonizado era uma fábula, com o passar do tempo e com a descoberta de outros falseamentos, o desejo de interrogar essas mentiras, por seu caráter marcadamente racista, foi se desenvolvendo.

Não tenho paz. Me abrigo na ancestralidade. O racismo, as desigualdades sociais, a concentração da riqueza, a mortandade dos meus me angustiam e impedem qualquer tipo de descanso. Não tenho palavras calmas, consoladoras. Não tenho forças, desejo ou disposição para a diplomacia e conciliação com racistas. Sobrevivo nos manicômios do sistema-mundo racista/capitalista. Sou uma mulher negra, sou mãe e avó, ando escrevendo para o futuro. Escrevo pensando em minha neta. Escrevo para ela, para todas as netas e netos e crianças negras que virão depois dela.

Eu sorrio pouco, e um amigo me disse que sou séria, uma outra colega que sou desconfiada. Faz sentido. Já cantei muito, quase não canto mais. Na verdade, só canto para Valentina. Sou ressentida pelo sequestro, assassinato, genocídio de meus ancestrais e pelos dispositivos de apagamento de nossa cultura e história, por mãos brancas colonialistas. Não escrevo para educar os racistas. Escrevo para informar aos meus sobre o modo como o mundo racista funciona, e para alertar que devem se precaver dele e de suas instituições se valendo dos saberes ancestrais, combatendo

a mentira propagada por séculos envolta num véu de pureza que dissimula o caráter devastador, legitimado a partir de uma política de invenção do outro como parte a ser marafunda, assombro e carrego colonial. É por meio da recusa da condição de imobilidade propagada por esses efeitos que devemos transgredir os seus parâmetros. (...) é necessário não se deixar apreender, praticar o que sugiro conceitualmente, inspirado na sapiência corporal dos capoeiras, como rolê epistemológico, para então lançarmos a flecha: o que é o mundo? Não podemos aceitar que o mundo esteja destinado unicamente à esfera da humanidade completamente desumana, seja pela geração dos seres incutidos sob a lógica do desvio, ou pela bestialização daqueles que acreditam ser distintos, a partir do regimento dessa lógica (RUFINO, 2019, p. 17).

Pode parecer óbvio, mas escrevo porque sou negra e escrevo porque sei escrever. Saber escrever me compromete politicamente. Escrevo porque temos **o direito de narrar**

nossas histórias a nosso modo. Escrever é um dever para com meus ancestrais e meus descendentes. É legado e herança que se recebe e se transmite.

O chamado fim do mundo não é uma profecia, mas sim uma prática sistêmica que sustenta a modernidade e se perpetua ao longo de um tempo encapsulado pelas promessas de progresso e desenvolvimento civilizatório. (...) não nos cabe mais a contemplação dessa história. Ao longo desse tempo colonial muitos mundos já acabaram, foram esquecidos e assassinados, porém o que permanece aqui é a guerra. E, nesse caso, os praticantes contrários ao modo dominante estão a batalhar para continuar a existir. (RUFINO, 2021, p. 9)

Iniciei este artigo contando sobre minha relação com a ancestralidade, sobre a “pedagogia da casa” (SCUDDER, 2019), sobre a importância e a ação dos meus mais velhos na minha infância e ao longo da vida, para mostrar uma entre tantas infâncias negras. Quem sabe ao dividir parte de minhas vivências, contribua para que a educação, a psicologia, a história e demais disciplinas acadêmicas, reconheçam que não nos enquadraramos em modelos e etapas imóveis e prescritas de infância.

Contei sobre os aprendizados mobilizados por minha família para inspirar os meus, para que possam perceber a potência dos cuidados e das energias circulantes no espaço das casas, dos bairros e comunidades negras.

Nesse sentido, vale ressaltar que

Para os seres que habitam as margens e esquinas do planeta, para as vidas alteradas pela violência colonial e para aqueles que desfrutam dos privilégios, da proteção e dos poderes herdados e mantidos nessa arquitetura de violência e exclusão (...) A educação não pode gerar conformidade e alimentar qualquer devaneio universalista. A educação não pode estar ligada a qualquer defesa de desenvolvimento humano e de seu caráter civilizatório que esteja calçada em uma única lógica. Em outras palavras, a educação não pode estar a serviço do modelo dominante, pois ela, em sua radicalidade, é a força motriz que possibilita enveredarmos e nos mantermos atentos e atuantes no processo de descolonização (RUFINO, 2021, p. 10).

Fui educada em casa para reagir e combater o racismo. A pedagogia de nossa casa me possibilitou reconhecer que a população negra é diariamente adoecida e dizimada pelo racismo e submetida a sistemas educativos que objetivam acabar com nossa autoimagem, autoestima, apagar nossa cultura e história de resistência, minimizar o poder da ancestralidade, e se possível exterminar nossos corpos. Lutar com todos os meios possíveis por nossa vida é a única alternativa.

Sou professora, compreendo a resistência no campo da educação e da história como necessária e imprescindível, já que

Ao colonialismo não basta encerrar o povo em suas malhas, esvaziar o cérebro do colonizado de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido, deforma-o, desfigura-o, aniquila-o (FANON, 1968, P. 175).

Concordo com Fanon e tomo como minha a responsabilidade dizer para os meus mais novos que a história “oficial” tem raça, classe e gênero, pois temo por suas vidas dentro de territórios e Estados absolutamente racistas, genocidas e infanticidas.

Lembro que meu pai, assim como minhas avós, insistia em vestirem-se e em vestir as crianças da família “adequadamente”. Algumas vezes a razão da exigência de que estivéssemos “alinhados” para irmos à escola, à igreja, ou mesmo na quitanda ou armazém da esquina nem era dita. Eles nos protegiam.

Vivemos em um mundo fraturado. Talvez seja mais oportuno dizer que aquilo que nos foi apresentado nos últimos séculos é um antimundo, pois sua lógica está alicerçada em apresentar um modelo de existência somente possível em detrimento do desvio, da subordinação e da humilhação de tantas outras formas viventes (RUFINO, 2021, p. 8).

A infância negra brasileira é desrespeitada pelo Estados, pela sociedade e pelas instituições em seu cotidiano. Para ela não existe proteção, garantia de direitos, tampouco, cuidados e afagos. Conheço o olhar que crianças negras recebem da parte de adultos brancos, sei a sensação que a energia do racismo provoca nos corpos negros. Não há maneira de negar que o racismo brasileiro extermina as crianças negras. Vejamos alguns exemplos da “maleficência” nacional.

Marcos Vinícius da Silva de 14 anos, foi alvejado e morto com tiro pelas costas durante operação policial no Complexo da Maré, a mesma operação matou mais seis jovens da comunidade. Ágatha Vitória Félix, de 08 anos, moradora do Morro do Alemão, foi atingida por um tiro de fuzil, dado por policiais, dentro da Kombi que a trazia da escola, no dia 21 de setembro de 2019. No caso de Ágatha, há também o agravante de que “pouco depois de sua morte (...), entre dez e vinte policiais militares invadiram o hospital em que ela tinha sido internada e tentaram levar o projétil que a matara”. (Brasil 247, 2019, p.1). Vitória Ferreira da Costa, de 11 anos, moradora do Morro da Mineira, foi atingida em uma das pernas, na mesma ação uma mulher também foi atingida, as duas

sobreviveram. A mais nova vítima foi **Ketellen Umbelino de Oliveira Gomes**, de 5 anos. Segundo notícia digital G-1:

A tia-avó da menina contou que a criança, ao ser ferida, pediu à mãe que não chorasse. Ketellen é a sexta criança morta com bala perdida em 2019. Além dela, morreram da mesma forma Ágatha Félix, de 8 anos (vítima de uma bala perdida no Alemão), Kauê dos Santos, de 12 anos (baleado durante operação policial no Chapadão), Kauê Rozário, de 11 anos (atingido por bala perdida na Vila Aliança), Kauan Peixoto, de 12 anos (morto durante um confronto entre policiais e bandido na favela da Chatuba, em Mesquita) e Jenifer Gomes, de 11 anos (baleada em Triagem) (MENDONÇA, 2019, s/p).

O Geledés – Instituto da Mulher Negra, divulgou matéria informando que “com a ocorrência registrada no morro da Mineira, chega a 17 o número de crianças baleadas na região metropolitana do Rio este ano, de acordo com dados da plataforma Fogo Cruzado” (ALMEIDA, 2021, s/p).

As crianças negras e pobres de periferia não têm nome, elas são genericamente chamadas “de menor”, ou mais recentemente de “Sementinha do Mal”.

‘Sementinha do mal’. Esse é um termo que policiais na cidade do Rio de Janeiro usam para se referir às crianças que estão em estado de abandono pela cidade e nas favelas. O termo “sementinha do mal” chama a atenção, pois cumpre muito bem sua tarefa: ele já anuncia toda a trajetória futura dessa criança (LUSTOSA, 2019, s/p).

Foi veiculado nas mídias imagens onde “um policial militar joga em uma vala o corpo de um adolescente de 16 anos, conforme mostra vídeo que começou a ser divulgado neste domingo, 10. O caso aconteceu na comunidade do Dique de Caixeta, em São Vicente, no litoral de São Paulo” (Catraca Livre, 2019, s/p).

O corpo do adolescente jogado em uma vala, ganhou a mídia nacional apenas pela duração do instante em que alguns grupos intuíram que aquela cena não estava circunscrita aos modos civilizados de matar e de atribuir “objetivos racionais e ao próprio ato de matar instituídos pelo Estado” (MBEMBE, 2018, p. 33).

Com frequência escutamos aqui e ali, da boca de estudiosos que se ocupam de processos de aprendizagem e outras questões educativas, que “a criança não é uma folha em branco”, que “trazem consigo uma bagagem”, mas no caso das crianças negras, o conhecimento ancestral que carregam e que caminha com elas de casa para a escola, é insistentemente anulado ao longo das séries e ciclos escolares, sequer é compreendido como conteúdo legítimo para pensar a educação, não se transforma em matéria para

diálogo. De fato, não se sabe bem ao certo que bagagem é esta, nem mesmo o que se pode aprender ou fazer com ela, não se sabe o que é que as crianças negras aprendem em casa, coisa que proponho compartilhar a partir de minhas memórias e do debate sobre a violência racista brasileira. Afinal, as crianças negras **NÃO SÃO SEMENTINHAS DO MAL**, grifo em caixa alta porque estou gritando!

E afinal como definimos educação? De que conceitos as escolas e a ação docente brasileira parte? Neste artigo elegemos a concepção elaborada por Luiz Rufino, como o verbete que melhor se aproxima de nossa compreensão. Diz o autor:

EDUCAÇÃO | radical vivo que monta, arrebatada e alumbrada os seres e as coisas do mundo. Fundamentado assentado no corpo, na palavra, na memória e nos atos. Balaio de experiências trançado em afeto, caos, cisma, conflito, beleza, jogo, peleja e festa. Seus fios são tudo aquilo que nos atravessa e toca. Encantamento de batalha e cura que nos faz como seres únicos de inscrições intransferíveis e imensuráveis. Repertório de práticas miúdas, contínuas, que serpenteiam no imprevisível e roçam possibilidades para plantar esperanças, amor e liberdade (RUFINO, 2021, p. 5).

Ora, a defesa de que a escola se constitui por excelência no lugar em que se aprende não é sem propósito, Rancière já alertava que

Quem pretende conciliar ordem e progresso encontra naturalmente seu modelo em uma instituição que simboliza sua união: a instituição pedagógica, lugar – material e simbólico – onde o exercício da autoridade e a submissão dos sujeitos não têm outro objetivo além da progressão destes sujeitos, até o limite de usa capacidades; o conhecimento das matérias dos programas para a maioria, a capacidade de se tornar mestres, por sua vez, para os melhores. Nesta perspectiva, o que deveria, portanto, arrematar a era das revoluções era a sociedade da ordem progressiva: a ordem idêntica à autoridade dos que sabem sobre os que ignoram, ordem voltada a reduzir *tanto quanto possível* (grifo do autor) a distância entre os primeiros e os segundos (RANCIÈRE, 2013, p. 10).

No sistema-mundo capitalista os não escolarizados, aqueles que não sabem e que devem, portanto, se submeter a ordem dos que sabem, podem ser nomeados: são homens e mulheres negros e indígenas, são homens e mulheres aborígenes, são árabes e todos aqueles que se situam fora do eixo Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Estados Unidos, deste eixo “universalizante”, que compreende seu saber local como potencialmente capaz de explicar a vida de todo e qualquer lugar, de toda e qualquer pessoa do planeta. Um eixo arrogante que se produz e reproduz cultuando a *hybris del punto cero*, que

Como el Dios de la metáfora, la ciencia moderna occidental se sitúa fuera del mundo (en el punto cero) para observar al mundo, pero a diferencia de Dios,

no consigue obtener una mirada orgánica sobre el mundo sino tan sólo una mirada analítica. La ciencia moderna pretende ubicarse en el punto cero de observación para ser como Dios, pero no logra observar como Dios. Por eso hablamos de la *hybris*, del pecado de la desmesura. Cuando los mortales quieren ser como los dioses, pero sin tener capacidad de serlo, incurrn en el pecado de la *hybris*, y esto es, más o menos, lo que ocurre con la ciencia occidental de la modernidad. De hecho, la *hybris* es el gran pecado de Occidente: pretender hacerse un punto de vista sobre todos los demás puntos de vista, pero sin que de ese punto de vista pueda tenerse un punto de vista (CARTRO-GOMEZ, 2007, p. 83).

A pedagogia, a psicologia, a medicina, as demais disciplinas e cursos acadêmicos, o judiciário e os órgãos de repressão, de (in) segurança pública, não sabem quem são as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos e os idosos negros. Não sabem quem somos, e apesar disso prosseguem sentenciando exames, diagnósticos, proferindo discursos de saber-poder sobre nós a partir de um referencial racista, euro/branco centrado.

A infância negra que conheço, que vivi, que os meus mais novos vivem e a infância negra que observo nas periferias do Brasil não se aproximam das psicologias do desenvolvimento e da aprendizagem, não se enquadram nas etapas construídas e definidas a partir do saber provinciano europeu.

Ao estigmatizar as crianças negras como “Sementinhas do mal”, se reifica práticas coloniais de

classificação das pessoas de acordo com diferentes categorias; extração de recursos; e finalmente, a produção de uma ampla reserva de imaginários culturais (...) que deram sentido à instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas, para fins diferentes no interior de mesmo espaço; em resumo, o exercício da soberania. (MBEMBE, 2018, p. 39)

A interiorização da ideia de sementinha do mal nas corporações policiais, faz com que todo espaço de organização da vida negra seja criminalizado e que toda pessoa negra da infância à idade adulta seja vista como matável. O estabelecimento dessa forma de pensar a vida negra extrapola os limites das instituições de (in) segurança pública e espalha-se e ressoa no imaginário coletivo, que o transmite e faz reverberar geração após geração através de uma pedagogia da morte que naturaliza a existência de territórios de matar, os campos de aprisionamento, tortura e extermínio. Os guetos/comunidades/favelas, eles mesmos são entendidos pelas forças de terror estatal como espaços livres para a eliminação, para o assassinato em massa. Não se exagera quando se emprega o termo genocídio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pauline. Vitória Ferreira da Costa de 11 anos é baleada no Rio quatro dias após a morte de Ághata. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vitoria-ferreira-da-costa-de-11-anos-e-baleada-no-rio-quatro-dias-apos-a-morte-de-aghata/>. Acessado em 21/03/2022, 21:00h.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. Decolonizar la Universidad: La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global / com- piladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Coleção perspectivas do homem, v. 42 – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LUSTOSA, Ellan. **A Sementinha do Mal**. A Nova Democracia. Ano XIV, nº 163, 2ª quinzena de Dez. de 2015 e 1ª quinzena de Jan. de 2016. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-163/6238-a-sementinha-do-mal>. Acessado em 05/04/2022, 22:00h.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENDONÇA, Alva Valéria. “Mãe, não chora, não, mãe’, disse menina de 5 anos após ser baleada na Zona Oeste do Rio”. G-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/13/pai-de-crianca-morta-no-rio-diz-que-atirador-fez-sinal-como-se-pedisse-desculpa-por-ter-baleado-a-menina.ghtml>. Acessado em: 05/04/2022, 21:00h.

CATRACA LIVRE (Redação). Vídeo mostra PM jogando corpo em vala. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/video-mostra-pm-jogando-corpo-em-vala/>. Acessado em: 05/04/2022, 21:00h.

RANCIÈRES, Jacques. **O Mestre Ignorante**. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SILVA, Viviam Parreira & RUFINO, Luiz. **Notas Sobre o Ser/Saber Afrodiaspórico**: ancestralidade, circularidade e pertencimento como motrizes para uma educação contracolonial. Capoeira – Revista de Humanidades e Letras | Vol.7 | Nº. 1 | Ano 2021 | p. 64.